

Copom mantém juro básico em 13,75% a despeito de pressões

Haddad afirma que comunicado do BC preocupa. Fiergs e CNI elevam tom e cobram redução da Selic na próxima reunião

ANDERSON AIRES*
anderson.aires@zerohora.com.br

Em meio às pressões do governo federal pela queda nos juros, mas ainda no escuro sobre a proposta da equipe económica de novo arcabouço fiscal para o país, o Banco Central (BC) seguiu o plano de voo e manteve a taxa Selic em 13,75% ao ano pela quinta vez seguida. O juro básico está nesse patamar desde agosto de 2022.

Em comunicado divulgado após a reunião, o Comitê de Política Monetária (Copom) não fez acenos para corte. O colegiado apontou ambiente externo deteriorado, destacando que a crise envolvendo bancos nos EUA e na Europa elevaram a incerteza e a volatilidade dos mercados. No cenário doméstico, afirmou que a inflação “segue acima do intervalo compatível com o cumprimento da meta”. Entre os fatores de risco, destacou maior persistência das pressões inflacionárias globais, incerteza sobre o arcabouço fiscal e desencorajamento maior das expectativas de inflação para prazos mais longos.

A manutenção da Selic em 13,75% ocorre em meio a fortes críticas. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e integrantes do primeiro escalão do Planalto afirmam que o juro nesse nível trava investimentos, consumo e criação de empregos. Horas antes da decisão do Copom, o ministro da Casa Civil, Rui Costa, disse que o presidente do BC, Roberto Campos Neto, presta “desserviço” à população. Segundo Costa, já haveria reação enfiada: redobrar as críticas e ataques a Campos Neto.

Após o anúncio do Copom, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, manifestou apreensão com a falta de sinalização, na nota do Copom, de redução da Selic.

— Eu considerei o comunicado preocupante. Muito preocupante. Hoje nós mostramos que as projeções de janeiro estão se confirmando, sobre as contas públicas. O comunicado deixa em aberto, num momento em que a economia está retraindo e que o crédito está com problema, o Copom chega a sinalizar até a possibilidade de subida

da taxa, que já é a maior (taxa real) do mundo. A depender das futuras decisões, podemos inclusive comprometer o resultado fiscal. Daqui a pouco vai ter problemas das empresas para vender e recolher impostos — disse Haddad.

Críticas vieram também de segmentos empresariais e sindicais. O presidente da Federação das Indústrias do RS (Fiergs), Gilberto Porcello Petry, elevou o tom de crítica sobre o tema:

— A indústria não aceita esse nível de juros, ela sofre para obter seu capital de giro e, com essa taxa, não suporta tomar dinheiro no sistema bancário para tocar seus negócios.

Ele acrescentou que nada justifica juro de 13,75% ao ano, oito pontos acima da inflação, que registrou 5,6% nos últimos 12 meses. Segundo Petry, a redução da Selic precisa ser iniciada o quanto antes. Para este ano, a meta central de inflação foi fixada em 3,25% pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e será considerada formalmente cumprida se oscilar e ficar entre 1,75% e 4,75%.

“Extorsão”

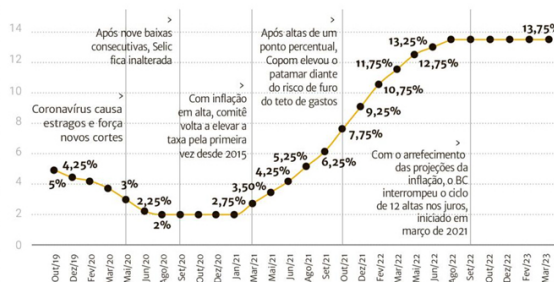
Em tom similar, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) afirmou que o BC deveria ter baixado o juro nesta reunião e que espera o início do processo de redução no próximo encontro, em maio. Na avaliação da Força Sindical, a manutenção da taxa em 13,75% ao ano é “um verdadeiro prêmio aos especuladores e uma extorsão para os brasileiros e o setor produtivo”.

Já o presidente da Fecomércio-RS, Luiz Carlos Bohn, ponderou que “enquanto não fizermos nosso dever de casa, com o governo se comprometendo com uma trajetória sustentável da dívida pública mediante apresentação de novo arcabouço fiscal crível e robusto, pressões para baixar os juros na caneta e críticas ao Banco Central só aumentam o risco desse patamar elevado de juros seguir alto por mais tempo, punindo fortemente a atividade empreendedora”.

No comunicado, o Copom informou que “seguirá vigilante, avaliando

A variação

Taxa Selic (em %)



Fonte: BC

se a estratégia de manutenção da taxa básica de juros por período prolongado será capaz de assegurar a convergência da inflação”. E enfatizou que os passos futuros da política monetária poderão ser ajustados e que “não hesitará em retomar o ciclo de ajuste caso o processo de desinflação não transcorra como esperado”.

Para Miguel José Ribeiro de Oliveira, diretor de estudos e pesquisas da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade, a crítica à manutenção da taxa em 13,75% faz sentido. Oliveira afirma que a inflação apresenta recuo no acumulado de 12 meses e que não existe choque de demanda, fatos que afastam a necessidade de juro nesse nível.

Já Lívio Ribeiro, pesquisador associado do FGV Ibre e sócio da consultoria BRGC, entende que o patamar atual da inflação em 12 meses não pode ser usado como justificativa para corte na Selic. O fato de a inflação atual ser o resultado de decisões passadas e carregado de políticas fiscais rechaça esse argumento, diz. O especialista destaca que a economia brasileira opera em ritmo inflacionário elevado há muito tempo e que o juro alto visa impedir descontrolado maior no futuro.

*Com agências de notícias

Federal Reserve aumenta taxa nos Estados Unidos

O Federal Reserve (Fed, banco central americano) aumentou, ontem, em 0,25 ponto percentual sua taxa básica de juro, para a faixa entre 4,75% e 5%. Embora a alta seja considerada moderada, e dentro das expectativas da maior parte do mercado financeiro, o presidente do Fed, Jerome Powell, garantiu, em entrevista depois do anúncio, que o banco central norte-americano elevará a taxa de novo, se necessário para conter a inflação.

Na avaliação do Commerzbank, o Fed “está agora muito mais vago sobre possíveis altas futuras”, com o pico do ciclo de aperto mais próximo. Já o Société Générale considerou que houve “alta dovish”, com aumento na incerteza sobre o cenário, mas o banco francês disse que continua a esperar mais uma elevação nos juros. Para a Oxford Economics, o ciclo de aumento do juro não acabou, mas considera que o Fed busca mais margem de manobra para responder aos próximos fatos e indicadores.

Powell afirmou que houve “uma corrida bancária sem precedentes” nos Estados Unidos nas últimas semanas e teve críticas aos gestores do colapsado Silicon Valley

Bank (SVB). A turbulência recente, segundo ele, deixou claro que é preciso fortalecer a regulação do sistema bancário e a supervisão regulatória está sendo revista.

O objetivo, disse, é fazer avaliação de quais são as políticas corretas a serem implementadas para que isso não aconteça novamente e, em seguida, adotá-las.

— É claro para mim que precisamos fortalecer a supervisão e a regulamentação. E presumo que haverá recomendações e pretendo apoiar a sua implementação — afirmou Powell, evidenciando a importância das investigações independentes da quebra recente de bancos nos EUA.

Segundo ele, o Fed tem instrumentos para proteger os depositantes e que serão usados caso necessário. Powell afirmou que o aumento do seu balanço de ativos em meio à turbulência é “temporário” para ajudar a resolver os problemas nos bancos americanos. Sobre o efeito da turbulência bancária na possibilidade de uma maior economia do mundo conseguir fazer um pouso suave este ano e escapar da recessão, o dirigente disse que ainda “é muito cedo para saber”.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Política Monetária Página: 10